



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da 2ª edição do Salão do Turismo – Roteiros do Brasil

São Paulo-SP, 02 de junho de 2006

Eu estava brincando com o Walfrido que ele tem o direito de errar meu nome tantas vezes, que não vai lhe acontecer nada. O que ele não pode é errar o nome da Sheila, nem meia palavra, que vai lhe acontecer muita coisa.

Meu querido Walfrido, ministro do Turismo,

Meu querido companheiro Luiz Marinho, ministro do Trabalho e Emprego,

Minha querida companheira Marisa,

Minha querida Maria Isabel Salvador, secretária de Estado de Turismo do Equador, em nome de quem cumprimento os demais representantes sul-americanos que prestigiam este evento,

Meu caro Marcelo Sáfadi, presidente do Fórum Nacional dos Secretários e Dirigentes Estaduais de Turismo,

Senador Aloizio Mercadante,

Meu caro Gilberto Kassab, prefeito da cidade de São Paulo,

Meus companheiros deputados federais. Eu vi que tem vários deputados aí, mas como não colocaram o nome de todos na nominata, eu fico proibido de citar um, mas eu estou vendo vários deputados aqui,

Deputados estaduais,

Meu caro Carlos Gutiérrez, representante da Organização Mundial do Turismo para as Américas,

Senhores e senhoras, secretários estaduais e municipais de turismo,

Senhores empresários do turismo que participam deste evento,

Funcionários do Ministério do Turismo,



Funcionários da Embratur,
Amigos jornalistas,
Companheiros e companheiras,

Vocês estão percebendo que eu estou com a voz mais fanhosa do que habitualmente eu tenho, portanto, eu não vou fazer o meu discurso por escrito, Walfrido, porque você é, sobretudo, um estraga-prazer, porque os meus assessores, quando vão fazer um discurso sobre turismo, primeiro ouvem dele o que está acontecendo na área. Só que ele passa e, depois, ele falou tudo que está no meu discurso. Então, será um repeteco. Mas eu tenho outras coisas para falar sobre turismo, que eu acho que podem ser mais interessantes até do que o que está escrito. Depois, o que está escrito, eu vou deixar com o Ministério, se quiser publicar em algum lugar, pode ser publicado.

Primeiro, é uma alegria, Walfrido, ter participado de todos os eventos do turismo que o Ministério patrocinou. E participei por uma única razão, porque eu tinha que provar a mim mesmo, tinha que provar ao país, que era possível levar o turismo a sério no Brasil e fazer com que o turismo deixasse de ser as vontades eventuais de quem tinha um pouco de recurso para viajar ou as vontades espontâneas de alguns empresários que queriam fazer um investimento na área do turismo, para se transformar numa política de governo, para se transformar numa política de Estado, com orçamento, com estrutura e com credibilidade de que as coisas pudessem acontecer.

E tudo vem de muito longe. Eu conheci muita gente que trabalhou em órgãos federais do turismo e, muitas vezes, eu achava que essas pessoas não tinham a dimensão do que era o turismo, porque o turismo era sempre um apêndice de uma outra secretaria, era sempre um apêndice de um outro ministério. O mesmo cidadão que fazia um discurso dizendo que o turismo era prioridade número um, ele colocava Ministério da Indústria, Comércio e Turismo, Ministério da Educação, Esporte e Turismo, Secretaria da Agricultura



e Turismo, ou seja, na verdade o turismo era apenas uma frase bonita para ser utilizada nos palanques, não era uma coisa concreta e objetiva para ser colocada em prática.

E eu penso que quando você, junto com a tua equipe, propuseram aos empresários do turismo aquele Plano Nacional do Turismo, eu penso que nós começamos a consolidar, no Brasil, uma verdadeira política de turismo. Está aqui o nosso companheiro da ANAC, está aqui o nosso brigadeiro da Infraero. E você estava falando, Walfrido, estava lembrando de duas coisas: primeiro, quando eu comecei a fazer as Caravanas da Cidadania, em 1991, eu me lembro de algumas delas, eu saí de Assis Brasil, na divisa do Brasil com o Peru, lá no Acre, e vim parar em Dourados, no Mato Grosso do Sul. Depois, eu saí de Garanhuns, na minha terra natal, e fiz o mesmo percurso que fiz quando vim para cá de pau-de-arara, em 1952. Eu vim de ônibus, não mais de pau-de-arara. Depois, eu fiz da Serra da Canastra, fui visitar a Serra da Canastra, descí, peguei o rio São Francisco, passei em Pirapora, o rio não tinha navegabilidade, andei um pouco mais para a frente, fui em Caririnha, na Bahia, peguei um barco, fiquei 14 dias andando no rio São Francisco até chegar em Juazeiro da Bahia. Depois, eu fiz uma outra viagem de 14 dias pelo rio Amazonas de barco, parando em quase todos os municípios e vilarejos. E cada viagem que eu fazia, ia firmando a convicção de que nós tínhamos um potencial extraordinário, que muitas vezes eram mais conhecidos por pesquisadores estrangeiros do que por nós mesmos, brasileiros. E fui firmando a convicção. E aí decidi montar o Ministério do Turismo.

E veja que engraçado, quando eu digo que Deus é generoso comigo, é porque algumas coisas aconteceram que não estavam previstas, que parece que têm o dedo não meu, mas o dedo de alguém. Eu não conhecia o Walfrido, quando eu pensei no nome do Walfrido, me disseram: “cuidado com esse homem, ele privatizou todas as empresas de Minas Gerais”. Eu falei: bom, mas eu vou conhecê-lo. O chamei um dia à tarde, quase no fim da tarde, para



conversar um pouco, ele estava sendo vítima de uma leviandade daquelas que um bom inimigo não faz, mas que os maus-caráteres de vez em quando fazem. E ele então me contou: “Presidente, depois de conversar um pouco, eu não posso aceitar porque estou sendo vítima de acusação”. Eu falei, me diga uma coisa: você é culpado? Ele falou: “não”. Então, Walfrido, levanta a cabeça, vamos enfrentar juntos e vamos criar o Ministério do Turismo.

Além da surpresa de ter conhecido o Walfrido, a surpresa maior foi a equipe que ele montou. Quer dizer, o Walfrido, ele foi procurar, não por recomendação minha, porque eu não indiquei para ele sequer o ascensorista do Ministério dele, ele teve total liberdade e, para minha surpresa, ele montou, possivelmente, uma das mais belas equipes que já tratou de turismo por conta do governo Federal.

Bem, e possivelmente ele se cercou dos mais competentes assessores, dos mais competentes empresários. O dado concreto é que nós estamos colhendo hoje aquilo que foi plantado há 40 meses atrás. Então, Walfrido, ao invés de você me agradecer, eu acho que eu deveria te agradecer pelo seguinte: você é um político nato. Se eu colocasse você e o Aloizio Mercadantes numa cela presos, do jeito que vocês dois decoram números e falam sem parar, um dos dois ia, não ia acontecer. Porque eu fiquei imaginando que o Walfrido queria ser candidato a alguma coisa, imagina um político que não quer ser candidato a nada. Eu comecei a ficar preocupado porque eu falei: bom, estamos chegando na hora de começar a colher o que foi plantado, de consolidar, vai vir esse mineirinho aí dizer que vai ser candidato a alguma coisa. Eu chamei o Walfrido e falei: Walfrido, eu gostaria que você ficasse no Ministério, eu gostaria que você não fosse candidato a nada, eu sei que é um sacrifício, porque ao terminar o mandato, nem ele, nem eu sabemos o que vamos fazer, possivelmente, ele me contrate para ajudá-lo em alguma coisa lá no Pitágoras, quem sabe. Mas, para minha agradável surpresa, ele falou: “Presidente, eu estou com o senhor até o final. Se o senhor precisar de



mim, eu estarei até o dia 31 de dezembro como Ministro, para ajudá-lo a concretizar esse sonho”.

E eu não tenho dúvida nenhuma de que ninguém é insubstituível, que poderia ter outros companheiros que pudessem fazer, até fazer mais, mas acontece que você não pode mexer no time que está ganhando. Isso é uma máxima do futebol, e eu acho que as coisas estão tão engrenadas no Ministério do Turismo, há uma tamanha leveza na relação entre o Ministério do Turismo e os empresários do turismo neste país, que eu acho que mexer qualquer coisa agora é a gente jogar um mal-estar, é a gente criar uma nuvem pesada sobre uma área que precisa ser leve, que precisa ser alegre, que precisa ser quase como uma pluma, porque não tem turista pesado, aquele que está sempre de mau humor, esse não faz turismo, esse, no máximo, pára num boteco e toma uma para esquecer o mal dele. O turista, ele quer descansar.

E eu queria contar dois casos para vocês. O turismo é muito ligado à auto-estima, o turismo é muito ligado às coisas que a gente acredita, às coisas que a gente fala. Eu vou contar dois casos para vocês. Veio almoçar, no Itamaraty, o Príncipe das Astúrias e a Princesa, e o Itamaraty, por tradição, tinha o hábito de fazer uma comida internacional, era uma comida menos brasileira, era uma comida mais internacional, aquelas porçõezinhas pequenas – eu pelo menos gosto de sustança – e eu comecei a ficar meio perturbado e conversava com os companheiros: por que a gente não serve comida brasileira? Por que a gente não oferece pratos típicos brasileiros e tal? E um belo dia os companheiros se convenceram, porque nada pode ser obrigado, essas coisas têm que ter convencimento, porque se você obriga e não dá certo, o cara fala: “está vendo, eu falei, você é culpado.” Então, quando é convencimento, a gente vira cúmplice. E veio o Príncipe das Astúrias e sua Princesa, e eu e a minha princesa, mais o Celso Amorim e a princesa dele, resolvemos fazer uma oferenda um pouco mais nobre para o casal, e oferecemos uma feijoada. E podem crer, havia quem dissesse assim para mim:



“Presidente, feijoada é muito pesada, Presidente, a Princesa não está habituada a comer feijoada.” Pois bem, qual não foi nossa agradável surpresa, que a Princesa repetiu duas vezes a feijoada e disse a mim e à Marisa que de todas as viagens internacionais que ela tinha feito, ela nunca tinha comido uma comida tão extraordinária como aquela feijoada que foi servida naquele dia. Esse é o primeiro fato.

O segundo fato, foi o presidente Chirac, agora. Ninguém vai falar de comida para os franceses, ninguém. Aliás, se tem uma culinária, uma cozinha que é uma das razões do turismo, é a cozinha francesa. Mas os franceses lá comem melhor do que os que pensam que são franceses aqui. Aqui a porção é maior. Eu falei: gente, nós temos que servir para o Chirac uma substância brasileira. Vamos colocar aí um monte de comida: galinha cabidela, tucunaré, tambaqui, feijão tropeiro, farofa. Sabe o que ele falou para mim? Ele falou assim: “presidente Lula, o senhor sabe que eu nunca aceitei, na minha vida, comer nos países que eu visito, pratos internacionais? Eu posso chegar onde chegar, eu como a comida daquele país, pode ser o mais pobre ou o mais rico, eu não como esses pratos internacionais que a gente encontra da Mongólia ao Chuí, não como, eu quero é a comida local.” O que isso despertou, Walfrido, na minha consciência, é que eu acho que poucos países do mundo têm a diversidade cultural, a diversidade culinária que nós temos, é que muitas vezes nós somos habituados à mesmice, mas pouca gente tem. É só ir no Pará, em Minas Gerais e na Bahia e em vários estados do Nordeste para a gente perceber a diversidade cultural. O que você encontra de pratos diferentes que você nunca imaginou que tivesse! Nunca imaginou. E se a gente dá para que outras pessoas possam experimentar essas coisas, é uma coisa exuberante, é uma coisa que motiva as pessoas a virem. E não tem um que não goste, eu duvido que tenha uma alma estrangeira capaz de recusar um elogio a uma moqueca baiana, duvido. Ele pode dizer que tem um pouquinho mais de dendê, um pouquinho menos, mas ele vai querer outra vez, ou uma moqueca



capixaba, ou um pato do tucupi, ou uma bela feijoada, ou um caldinho de feijão com uma cachacinha de entrada.

Essas coisas é que nós temos que valorizar, porque se o cidadão vem da Escócia e chega aqui a gente mete um uísque nele, ele fala: “espera aí, isso eu bebo todo dia, o que é que tem no pedaço aqui para eu beber?” É isso que ele quer saber e eu acho que é isso, Walfrido, que vocês começaram a mostrar, ou seja, vocês tiveram a capacidade, não de criar o turismo no Brasil, o que vocês estão fazendo é dar ordenamento a uma coisa que existia dispersa, a uma coisa que existia sem muita valorização.

Por isso eu quero dizer que este 2ª Salão do Turismo é a consagração de uma coisa que nós podemos melhorar. Você estava falando aí e eu estava pensando, eu nunca vi tantos números, “tantos passageiros para cá, tantos para lá, tantos para acolá.” Como a gente não pode contar, nós temos que acreditar. Mas eu estava pensando, não tem coisa mais desagradável do que a gente descer naquele *finger*. Quando você desce num estado, agora os aeroportos estão todos bonitos, os aeroportos brasileiros estão bonitos. O de São Paulo, Kassab, você viu como melhorou? Melhorou substancialmente. Acho que o Kassab não pegou avião depois que melhorou o aeroporto. Todos os aeroportos brasileiros vão ficar, nos próximos anos, para ninguém botar defeito. Mas você entra naquele *finger*, se você desce num estado que está calor, é meia hora a andar numa frigideira.

Brigadeiro, meu caro presidente da ANAC, meu caro Walfrido, por que a gente não utiliza todo aquele paredão da porta do avião, atravessando todo o *finger* para a gente fazer divulgação das coisas bonitas que tem no estado? Por que a gente não coloca os melhores lugares do estado para o passageiro ir vendo? Porque eu lembro de um túnel do turismo que vocês fizeram não sei onde, que nós visitamos, acho que foi aqui mesmo em São Paulo, por que a gente não faz um acordo, Brigadeiro, na Infraero? Você com a ajuda da ANAC, com a ajuda do Ministério do Turismo, do Governador do estado, por que cada



aeroporto não tem um espaço de cinco minutos, onde a pessoa que desceu, mesmo que seja um chato que só vem trabalhar, não tem problema, mas o cara passe por um lugar em que veja as coisas boas daquele estado, em que dê de cara com os melhores teatros, com os melhores cinemas, com as melhores praças, com as melhores casas de shows, ou seja, para que ele chegue na cidade e fale: “puxa vida, eu estou sendo tratado com respeito nesse estado, alguém está preocupado comigo, alguém está interessado em mim.” Se não for assim, como é que o cara desce do avião? O cara desce do avião, se ele tiver lido o jornal dentro do avião, ele fala: “Ih, deve ter bandido por aí.” E será que o taxista vai dar volta comigo a mais e levar uma bandeirada a mais? Será que eu vou ser assaltado?

Então, nós podemos, com gestos, transformar a vida dessa pessoa em algo mais palatável, mais alegre no estado, porque não é só dinheiro. A gente fala: “falta dinheiro, falta dinheiro.” Neste país, falta menos dinheiro e mais criatividade nas pessoas, mais sensibilidade de fazer as coisas. O que custa fazer isso? Nada. Apenas uma decisão: reunir os governadores. Porque também o governador não pode ficar chorando que não tem turista. Para querer turista é preciso mostrar bem o estado, mostrar as coisas boas do estado, mostrar que o estado tem potencial. Ninguém vai fazer turismo porque tem fome no Nordeste; ninguém vai fazer turismo porque tem violência em São Paulo ou porque tem PCC aqui, ou porque tem PCC no Rio de Janeiro, ninguém vai fazer turismo por isso. A gente vai fazer turismo se tiver muita cultura, muita beleza, muita praia, muito verde e, por que não dizer, muita coisa boa. Se tiver muita coisa ruim, o máximo que vai é a Polícia Federal.

Então, vamos tratar, a partir deste encontro, se a criação do Ministério do Turismo a gente poderia dizer que foi o início da segunda revolução no turismo no Brasil. Nós agora poderemos criar a terceira revolução, vamos transformar os aeroportos, em qualquer estado do Brasil, não é falta de dinheiro, o estado mais pobre ou o estado mais rico, o pessoal chegou no



aeroporto, tem que ter um tratamento decente, não pode ser aquele monte de gente vendendo coisa e gritando, não. Uma coisa leve, bonita, alegre, com os melhores lugares do estado, a gente vai fazer as pessoas acreditarem muito mais no turismo. Eu acho que a gente poderia fazer uma terceira revolução no turismo, até que a gente possa, daqui alguns anos, concretizar todos os números que você falou.

Eu quero agradecer aos empresários do setor. Eu tenho tido muitas reuniões com vocês, sei da dedicação, sei das necessidades, que nós temos que melhorar muito, o estado tem a sua parte, vocês têm a de vocês, mas eu queria pedir uma coisa à ANAC e à Infraero. Não é possível, até precisava a Organização Mundial da Saúde dar um recado, de vez em quando, porque dizem que a gente viajar 13 ou 14 horas no avião econômico, numa classe econômica, a gente tem que fazer exercícios, não dizem? É porque o cara que escreveu isso nunca andou numa classe econômica de um “Jumbão” lotado. Ele vai perceber que não tem nem como ir ao banheiro, quanto mais para fazer exercício. Mas, de qualquer forma, dizem que nós temos que mexer as pernas, esticar as pernas, porque senão pode dar trombose, pode dar “não sei das quantas lá”. Não tem isso? Então, gente, pelo amor de Deus, é preciso parar com essa coisa. O cidadão que mora na Alemanha e quer ir conhecer a Amazônia e vem de vôo de carreira normal, ele não tem que vir até São Paulo ou até o Rio de Janeiro para depois voltar mais 4 horas para lá. Por Deus do céu, vamos tornar a vida das pessoas mais agradáveis, ou seja, o cara sai, o cara vem para São Paulo, passa por cima do Amazonas, anda mais 4 até São Paulo, depois mais 4 horas de volta, além da chatice de ficar duas horas no aeroporto. Ou seja, nós levamos o cidadão a um sacrifício ao invés de facilitarmos a vida dele.

Da mesma forma que esse cidadão, quando mora no Nordeste ou no Norte, não tem que vir ao Rio de Janeiro ou a São Paulo para ir para Europa. Gente, porque ele dobra o horário da viagem dele. Se ele está em



Pernambuco, se ele está no Pará, se ele está no Ceará para ir para a Europa, ele vai levar quantas horas? Vai levar oito horas, sete horas. Agora, se ele tiver que vir para cá, andar quatro para cá, mais quatro para voltar, ou seja, ele dobrou a viagem, encareceu tudo na vida dele.

Então, eu sei que é mais fácil falar do que decidir, é difícil implementar. Mas nós não podemos mais continuar do jeito que estamos, não podemos mais. Se o Cacique Raoni quiser sair da sua tribo e ir para os Estados Unidos, ele não teria que vir em São Paulo ou Rio de Janeiro, ele deveria, de lá mesmo, de onde está, embarcar e ir embora. E nós precisamos fazer isso.

A outra coisa, Walfrido, é pensar numa revolução no transporte regional, na aviação brasileira. É preciso a gente pensar. Essas coisas a gente não pode chutar, mas é preciso que a gente pegue a Infraero, a ANAC, o Ministério do Turismo, a Aeronáutica para a gente pensar e apresentar para este país uma nova dinâmica na aviação brasileira, porque a que está aí é antiga, é velha e precisa ser superada, porque o Brasil mudou e vai mudar muito mais, o turista mudou e vai mudar muito mais. Ninguém quer comprar um vôo direto daqui a Pequim, porque morre dentro do avião, precisa parar um pouquinho, pelo menos para esticar as pernas.

Meu querido, os palpites estão dados. Meus parabéns por esse 2º Salão do Turismo e, sobretudo, meus agradecimentos aos trabalhadores que montaram isso. Eu sei que não foi você, sei que não foi o Guanazes, sei que foram os trabalhadores que vieram montar isso aqui. Meus agradecimentos aos funcionários do teu Ministério, meus agradecimentos aos empresários que acreditam no turismo, trabalham pelo turismo. E posso dizer para vocês, a gente fica invejando a Espanha que tem 60 milhões de turistas, que a França tem 67 milhões. Nós só temos quatro milhões e poucos, cinco ou seis, mas não está longe o dia em que nós poderemos ter 10, 11, 12, 15 ou 20 milhões. Não depende deles, depende de nós. A distância que hoje é a desculpa para não vir ao Brasil, será diminuída pela grandeza da alma e da cultura do povo brasileiro.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.